



E escolas de **V** valor

**Um retrato de seis
experiências bem-sucedidas na
educação pública brasileira**

Fotos
Carlos Díez Polanco

Fundação **Santillana**  **Moderna**



Escolas de **V**alor

**Um retrato de seis
experiências bem-sucedidas na
educação pública brasileira**

Fotos

Carlos Díez Polanco

P

Apresentação

ode a escola pública oferecer uma educação de qualidade?

Escolas de Valor dá seis respostas afirmativas a esta pergunta, que constitui a maior preocupação de governantes e gestores educacionais.

Quando as dificuldades enfrentadas pela *escola de todos* — escassez de recursos, evasão escolar, alunos com perfil heterogêneo — parecem invencíveis, é motivo de satisfação e de otimismo descobrir escolas públicas que superaram esses obstáculos, com o esforço de seus professores e das comunidades de seu entorno.

Esta é, no meu entender, a mensagem deste livro: confiança

na escola pública. Este valor se reflete nas imagens que o fotógrafo Carlos Díez Polanco sabe imprimir a seus trabalhos.

As escolas apresentadas nesta obra foram escolhidas por serem exemplos destacados de outras tantas virtudes: solidariedade (Amazonas), auto-estima (Rio Grande do Sul), harmonia (Pernambuco), resistência (Bahia), perseverança (Rio de Janeiro) e identidade (Tocantins).

Com certeza, há muitas escolas igualmente exemplares no Brasil. As que retratamos constituem a evidência de que a escola pública, a escola de todos, é capaz de dotar a sociedade de *cidadãos educados*, no sentido mais profundo da expressão.

Jesús de Polanco

Presidente da Fundação Santillana



O projeto

idéia que concebeu este projeto foi a de produzir o relato de alguns casos de escolas públicas reconhecidas pelo trabalho de transformação dos alunos, da comunidade, vencendo obstáculos que, no mais das vezes, parecem intransponíveis: evasão escolar, instalações precárias, violência, criminalidade. Com uma particularidade de seleção: todas as conquistas de gestores, professores, alunos, pais, enfim, de toda a comunidade, deveriam ser fruto do esforço próprio, soluções que não requerem verbas especiais nem dependem de agentes externos. Mesmo que recebessem ajuda ou apoio, eles deveriam ser decorrência natural do empenho dessas pessoas.

Uma pesquisa inicial identificou algumas dezenas de escolas públicas que se encaixavam no perfil traçado. O critério de seleção fechou o foco em casos bem-sucedidos de gestão escolar que fazem a diferença. Deveriam ser assim as escolas. Seu maior capital, o ser humano.

A seleção final foi por sorteio e desenhou roteiro e cronograma da pequena equipe incumbida de conhecer as escolas: menos de

40 dias para percorrer seis estados brasileiros: Amazonas, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Tocantins. Nasceram assim o livro e a exposição **Escolas de Valor**.

As escolas aqui retratadas são exemplos valiosos que transformam os alunos, os professores e a comunidade, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela escola pública e das condições adversas de seu entorno. São, antes de tudo, um desafio à visão desencantada que temos do ensino público no Brasil.

São escolas que não se preocupam nem esperam: fazem o que está ao seu alcance, dentro do que é direito. Sonham, vão além, somam, realizam para a criança de agora e tornam possível haver novos olhares para ações simples, eficazes e de inestimável alcance.

Todas são referências em demonstrar que a escola de valor se faz com solidariedade, auto-estima, resistência, harmonia, perseverança e identidade. Juntas, compõem um novo retrato do Brasil, o Brasil que sempre projetamos para o futuro. E deixam para todos nós uma lição singela: o futuro está no presente. Resta-nos aprender com elas e seguir o seu exemplo.

Solidariedade

Auto-estima

Harmonia

Resistência

Perseverança

Identidade



Amazonas 10

Rio Grande do Sul 26

Pernambuco 42

Bahia 58

Rio de Janeiro 74

Tocantins 90

A viagem 116

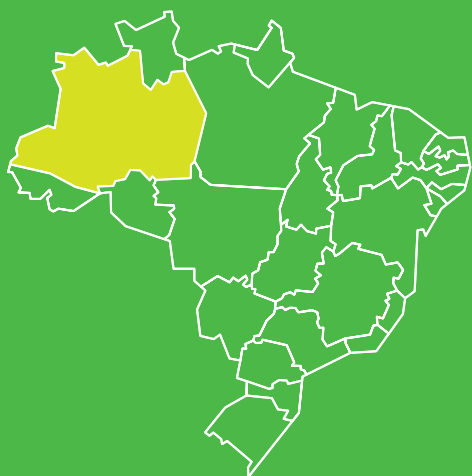
O fotógrafo 118

“ *Aqui,
sem solidariedade,
somos nada.* ”

Solidariedade

Amazonas > Purupuru > Escola Estadual Pedro dos Santos





Escola Estadual Pedro dos Santos

Estado Amazonas
Município Careiro Castanho
Localidade Purupuru

Gestor Paulo Amaro Gomes de Andrade
Corpo docente 47 professores
Corpo a 9 funcionários
Voluntários permanentes 60 cidadãos
Voluntários eventuais 150 cidadãos

Corpo discente 951 estudantes

Destaques Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar em 2005
Prêmio Melhor Gestão Escolar do Estado do Amazonas em 2005





ais de uma centena de igarapés levam suas águas para o Lago do Purupuru, no município de Careiro Castanho. O imenso lago, por sua vez, abastece o rio Altaiz-Mirim, que vai alimentar o Solimões, nome dado ao curso do Amazonas no trecho de 1.620 km entre Tabatinga e Manaus.

Da mesma forma que os afluentes acorrem solidários para o grande rio, mais de 8 mil pessoas unem-se para fazer da Escola Estadual Pedro dos Santos uma lição de solidariedade. São voluntários, professores, administradores escolares, alunos, enfim, toda a comunidade do Purupuru e de seu entorno.

Se as águas brotam solidárias naturalmente, esse valor foi ensinado e aprendido, para depois ser construído com os moradores dessa zona rural do Careiro, a 156 km por barco da capital do estado amazonense.

O valor da solidariedade Laiane Maquiné mora a 3 km da Escola Estadual Pedro dos Santos. Tem 7 anos, cursa a 1ª série do Ensino Fundamental e já dá lição de solidariedade:

— Diretor, lá perto da minha casa tem uma senhora que está doente e passando fome. Eu gostaria de ver com meus colegas da sala se a gente compra alguma coisa para ela comer.

— Laiane...

— Ela não pode nem andar.

— Pois vá, minha filha, faça a coleta.

A menina voltou à diretoria com 11 reais e perguntou se a quantia era suficiente. O diretor decidiu:

— Nós vamos lá.

“Realmente, a mulher estava muito enferma e era sozinha. Fizemos uma cesta básica boa, colocamos alguém para tomar conta dela. Veja só, o resultado do ato de uma criança de 7 anos. A mãe estava lá. O vizinho estava lá.



Não se deram conta. Mas a criança percebeu. Na escola, já estava sendo passado para ela o valor da solidariedade”, recorda o diretor. “Quando Laiane acordou, abriu os olhos da mãe, do vizinho, e logo a comunidade se envolveu para ajudar aquela senhora de 83 anos.”

Faltam dois Ser solidário, na Pedro dos Santos, é impregnar as pessoas de educação com qualidade. “Como educador, preciso trazer comigo esse ato de fazer o bem às pessoas, de perceber que somos capazes de mudar nossa realidade com essa atitude”, diz o gestor da escola, Paulo Amaro Gomes de Andrade. E a realidade mudou. Quando o professor de filosofia e educador de 34 anos desembarcou ali, em 2001, havia apenas o Ensino Fundamental, em duas salas, sem saneamento básico nem luz elétrica, com 47% de evasão escolar. Cinco anos depois, esse índice caiu para 2%. Hoje, a escola atende cerca de mil alunos de Ensino Fundamental, Médio, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos.

Paulo ensina: “Reuni a comunidade para saber qual era a escola que nós queríamos. Aí passamos a fortalecer a merenda escolar, arrumamos transporte e convidamos os pais para dentro da escola”.

Com a modernização da gestão, cresceram o desempenho dos alunos e a participação dos pais nas atividades escolares. O padrão de aprovação bateu a marca dos 98% — e atingiria os três dígitos se o Purupuru não fosse zona rural. Os reprovados são os mesmos que não terminam o ano. Trabalho infantil ainda é um problema na região: os filhos fazem falta aos pais na lavoura de subsistência.

Muito diálogo, programas como o Bolsa Família e, em casos raros, o recurso ao Conselho Tutelar, têm convencido os agricultores das famílias do Purupuru que lugar de criança é na sala de aula. Aliás, nas 11 salas de aula da nova sede da Pedro dos Santos, que hoje conta com a infra-estrutura necessária. Dois geradores a *diesel* garantem fornecimento de energia elétrica para gelar a água filtrada nos bebedouros e permitem o uso dos quatro computa-



dores e da impressora multifuncional recebidos com o prêmio de gestão escolar. Novos professores, com formação no ensino superior, foram contratados.

Eficiência em equipe É a primeira vez que uma escola do interior do Amazonas é premiada pelo Ministério da Educação (MEC) como referência em gestão. As decisões são tomadas em equipe — e ela não é pequena. Inclui o pessoal do administrativo e dos serviços gerais, o vigia, as merendeiras, professores, mães, pais e os alunos. De cada setor, um representante integra a equipe de gestão. Paulo escuta a todos. Uma vez ao mês, a equipe se reúne para determinar a filosofia da escola. Acertos e erros são assumidos em conjunto com a comunidade.

A equipe da Pedro dos Santos também se mostrou eficiente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com índice de evasão de 18%, quase a metade dos 35% registrados no estado em 2006.

“Trabalhamos o processo de formação do professor, que precisa se especializar cada vez mais. O aluno precisa de trabalho de campo, o funcionário necessita ser alfabetizado”, diz o gestor. Como a secretária da escola, Daíse Gonçalves, de 48 anos. Em 2001, fazia a faxina. Era analfabeta, como 40% dos purupuruenses. Cinco anos depois da chegada de Paulo Amaro, a taxa de analfabetismo estava em 10%.

Daíse? Concluiu o Ensino Médio pelo EJA. E não vai precisar sair do Purupuru, nem do prédio da escola, para cursar o superior. Uma parceria da Pedro dos Santos com a universidade possibilita fazer licenciatura em Letras lá mesmo. Outra, com a prefeitura do Careiro, deu a Paulo a autorização para abrir, ao lado da estadual, uma escola municipal que ensina Educação Infantil para 204 crianças a partir dos 2 anos. A sede, é claro, foi construída pela comunidade.



É repartindo que se recebe

Para esticar a verba recebida todos os anos, Paulo ainda não faz milagres. Faz parcerias. Garimpa recursos em material didático, alimentos. Vai a universidades e empresas pedir estagiários e bolsas para contratar pessoal. Quando um projeto envolve dinheiro, repassa para a comunidade, junto com a responsabilidade de mantê-lo. O gestor não acredita na máxima do “é dando que se recebe”.

“Quando você só dá, está dado, a pessoa ganha e vai embora. Repartindo, ela volta, porque se sente responsável, desenvolve senso comunitário.” Por isso mesmo, cada família de aluno doa — orgulhosamente — 1 real por mês para custear os geradores e complementar o salário dos oito barqueiros que fazem o transporte escolar. O que falta é suprido por iniciativas da comunidade com a equipe gestora, como a festa anual dos produtos regionais, com direito a rainhas e prêmios, para todas.

A solidariedade é o elo fundamental da caminhada da escola. Esse valor não consiste apenas em dar uma cesta básica para alguém. Ser solidário na questão educacional é participar do que a escola precisa. E ela retribui. “Aqui, sem solidariedade, somos nada”, afirma Paulo Amaro.









J

osé Farias, 9 anos, está terminando a 3ª série do Fundamental. Madrugou para pegar o barco das 4h30. A viagem acaba minutos antes das sete, no atracadouro da casa flutuante de dona Delza, avó de alunos da Pedro dos Santos. Ela cedeu o lugar para os barcos encostarem e também a passagem pela pinguela, chamada de “ponte”. José e os outros alunos atravessam rápido: a escola já está abrindo as portas e as aulas vão começar.

Às oito e meia, Maria Alcinete, Socorro e Lecídia servem a merenda, em preparação desde as seis e meia por uma delas, enquanto as outras fazem a limpeza das salas. É segunda-feira, dia de sopa de feijão com charque servido nos pratos e talheres azuis. O cardápio prevê 14 dias de refeições variadas — a predileta de José é a de sexta: chocolate com fruta e biscoitos. Isso não significa que ele desgoste do café com leite e tapioca, do baião-de-dois com ovo, do frango com arroz, do macarrão, do feijão com picadinho, do peixe desfiado.

José aproveita o intervalo de 15 minutos depois da merenda para brincar com os colegas, no corredor avarandado que leva às salas de aula. Como os professores adotam métodos pedagógicos com diferentes jogos, se José quiser pode terminar sua merenda enquanto faz atividades em classe. Todos comentam, anima-

dos, o trabalho de educação ambiental do próximo sábado. Verdadeira procissão de canoas, pirogas, barcos, rabetas, batelões, tripulados por mais de mil pessoas que durante um dia recolhem lixo do lago, dos rios, e levam para o depósito municipal. Um sucesso de conscientização, o evento: as 11 toneladas recolhidas em 2003 encolheram para cinco, em 2006.

As aulas da manhã terminam às 11 horas. Cada aluno recebe um copo de suco para o percurso da viagem. Mas José não cruza a ponte de dona Delza para voltar à sua casa no barco pilotado por Denilson. Vai almoçar na escola porque, à tarde, tem quatro horas de reforço: está com dificuldade em Língua Portuguesa. No meio das aulas, uma pausa de 30 minutos. Hora de jogar bola, xadrez, dominó, damas — e ainda dá tempo de correr na horta e visitar Ubaldo, a arara vermelha que adotou a escola e vive solta por ali. Cinco da tarde, o barqueiro encosta. José bebe o suco e corre pela pinguela, para mais duas horas e meia de travessia. É pouco: a viagem pode demorar mais. Alguns alunos da Pedro dos Santos caminham 10 km dentro da mata, costeando até chegar ao Ipanema, Laguinho, Arumã, Deserto, Botafogo, Roque, Samaúma, Cipó, Santa Maria, Nazaré, Fuxico, ou outro dos muitos igarapés por onde chega o barco escolar.



“*Foi um pequeno
gesto que resgatou
minha auto-estima.*”

Auto-estima

Rio Grande do Sul > Alvorada > Colégio Estadual Érico Veríssimo





Colégio Estadual Érico Veríssimo

Estado Rio Grande do Sul
Município Alvorada

Gestor Marcos Nardi Polchowicz
Corpo docente 65 professores
Corpo administrativo 6 funcionários
Voluntários permanentes 15 cidadãos
Voluntários eventuais 50 cidadãos

Corpo discente 3.200 estudantes

Destaques Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar em 2005
Prêmio Melhor Gestão Escolar do Estado do Rio Grande do Sul em 2005
Prêmio de Responsabilidade Social da Assembléia Legislativa do
Rio Grande do Sul em 2005
Escola Solidária 2005





Alvorada não ostenta o título de mais extenso dos 31 municípios que formam a Região Metropolitana de Porto Alegre. Nem figura entre os mais ricos — e quase não tem empregos. Com 17% de seus 200 mil habitantes abaixo da linha da pobreza, até pouco tempo era conhecido apenas pela mais elevada taxa de homicídios no Rio Grande do Sul. Talvez por isso, nenhuma das duas rodovias principais que cortam a região passe por lá: a BR-116 e a BR-290 traçam suas rotas para outros destinos.

Quem sai da capital gaúcha e se dirige 16 km para o leste, só precisa atravessar o pequeno arroio Feijó e está em Alvorada. O nome é bonito e nasceu com os moradores da cidade-dormitório, que desertavam ao raiar do sol para chegar no horário em Porto Alegre.

Hoje, Alvorada não é só o despertar dos trabalhadores para mais um dia longe de suas casas e famílias. Quem cruza o Feijó e vai até a Travessa Natal, encontra o Colégio Estadual Érico Veríssimo. Uma escola pública que tem sido o despertar de milhares de crianças e adultos para a verdadeira auto-estima — e conseguiu reduzir a zero a violência no seu entorno.

O valor da auto-estima Suelen Moreira Pereira era, aos 14 anos, alta para a idade, de postura encurvada, tinha dificuldade em ser aceita pelo grupo. Aos 15, por sugestão da escola, entrou para o Projeto “Remando para o Futuro”, uma parceria da Érico Veríssimo com o Grêmio Náutico União, de Porto Alegre. Dezoito meses depois, a bonita adolescente de 1,80 m tomou o lugar da garota retraída de cara amarrada.

Para a estudante, auto-estima é um valor que se conquista. No caso dela, com muito suor, trabalho em equipe, 45 minutos de musculação e duas horas de remo, três vezes por semana, a princípio no barco-escola, o *gig*, depois nos barcos de oito, quatro e dois remadores. “Aprendi a me respeitar e a respeitar as pessoas — a me valorizar e a valorizar o colégio.”



A atleta de Alvorada venceu em primeiro lugar o campeonato estadual de remo e tirou o bronze no campeonato nacional. Está entre as melhores do país: treina com a seleção brasileira e foi convidada para participar dos Jogos Pan-americanos Rio 2007. O clube a contratou para treinar todos os dias — agora ela rema sozinha no *skiff*, o barco olímpico.

Espaço para recreação Com uma taxa de 73 homicídios ao ano, em Alvorada, auto-estima era um luxo que os moradores não se permitiam. Morar ali era suficiente para derrubar qualquer pretensão de emprego. Sem trabalho, sem perspectiva de dias melhores, os pais passavam para os filhos uma imagem muito pequena de seu valor. Isso se refletia no comportamento dos mais de 3 mil alunos da Érico Veríssimo, agressivos, desinteressados dos estudos. Foi assim até o final de 2002, quando Marcos Nardi Polchowicz tornou-se gestor do terceiro maior colégio do estado.

A formação integral e a melhora da auto-estima do aluno e de suas famílias tornaram-se as prioridades do projeto pedagógico. Marcos trouxe a comunidade para dentro da escola e começou a gestão compartilhada. Formou a equipe diretiva com professores, funcionários, pais e alunos. Perguntou a eles o que faltava em Alvorada. A resposta: espaço para recreação.

Agora, a escola fica aberta a todos. Em qualquer dia, basta pedir a chave do portão para seu Jorge, que mora em frente. Com mais de 12 mil metros quadrados construídos, o colégio tem um pátio enorme e dois campos de futebol. Os arrombamentos, antes freqüentes, acabaram.

Construindo auto-estima O prédio estava deteriorado, o pátio cheio de mato, o piso esburacado, a fiação antiga queimava constantemente as 384 lâmpadas dos corredores e das 26 salas de aula escuras e sem ventilação. Com parcerias e ajuda da comunidade, a reforma completa saiu a custo zero. Os alunos deram sugestões, seguidas à risca: os quadros-negros foram mudados de lugar, mais janelas foram abertas nas salas.



O colégio possuía depósitos atravancados de material sem uso que não podia ser jogado fora — é patrimônio público. Tudo foi colocado em 17 caminhões e remanejado para escolas mais carentes. O espaço liberado foi transformado em dois auditórios com 250 lugares cada: uma sala de teatro e uma sala de cinema, as primeiras de Alvorada. Novo projeto incentivou os alunos a encenarem peças de teatro. Visitantes de outras escolas, encantados, ouviam dos alunos: vocês também podem fazer isso. “Eles perceberam que é possível realizar muito com a união de todos”, diz Marcos.

As reformas construíram a auto-estima de alunos, professores e pais. Há três anos não é preciso pintar paredes ou trocar vidraças: todos entenderam que a escola lhes pertence e ela permanece impecável.

Produzindo mais Era preciso investir na formação do pessoal e eliminar a capacidade ociosa: dos 90 professores, apenas cinco tinham pós-graduação. Havia mais de 20 funcionários, poucos com Ensino Médio. Ficou estabelecido que todos fariam cursos de atualização voltados para a educação. No ano letivo seguinte, 65 professores engajados com a nova gestão continuavam no colégio e cursavam pós-graduação. Ao lado de seis funcionários matriculados no Ensino Médio, eles atenderam os 3.200 alunos da Pré-Escola, Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos, nos três períodos: manhã, tarde e noite.

A repetência caiu em 80%. A evasão escolar diminuiu de 50% para 15%. Os alunos da Érico Veríssimo ficaram acima das médias do país no Sistema de Avaliação de Educação Básica (Saeb), no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e nas Olimpíadas Nacionais do MEC de Biologia e de Matemática. Para a equipe gestora do colégio, isso significa que auto-estima resulta em bom rendimento escolar. “A escola pode ser igual em qualquer lugar do mundo, não interessa se é pobre ou rica, mas se a pessoa fizer com vontade, se o ambiente é bonito, gostoso, o aluno produz mais.”

Com tanta coisa boa, Marcos decidiu ousar: a escola se inscreveu e



levou o Prêmio de Responsabilidade Social da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 2005. Nunca esse título, cobiçado por empresas de grande porte, havia sido dado a um colégio estadual.

No mesmo ano, vieram o destaque como Referência Nacional em Gestão Escolar e o primeiro lugar em Gestão Escolar do Rio Grande do Sul. No final de 2006, a escola ganhou seu maior prêmio: não houve registro de crimes no entorno — assalto, assassinato, vandalismo, nada.

Não foi só o amor-próprio da escola, dos alunos, pais e professores que aumentou. Foi o da cidade. Agora, quem cruza o arroio Feijó entra na capital da auto-estima. De cabeça erguida, pais e alunos, orgulhosos, dizem para quem quiser ouvir: “Isso começou lá no Érico Veríssimo”.









N

a porta do Colégio Estadual Érico Veríssimo, um cartaz: “Sábado, faxinão de limpeza das 8h às 18h”. Armados de panos, rodos, baldes e vassouras, cerca de 150 pessoas da comunidade se apresentam. Bancos pintados, jardim cuidado, a escola brilha na segunda-feira em que Mônica Kobielski volta às aulas. A menina de 10 anos entra na sala, sentindo-se importante: com seus colegas da 4ª série, ela será monitora, ajudante do recreio orientado. Desde que esse projeto foi instalado, ninguém mais se machucou na correria pelo pátio. Os alunos participam de oficinas e são orientados a olhar os menores. Fazem brinquedos de material reciclável: bambolês de garrafas pet, tabuleiros de xadrez com tampinhas de garrafa, bolas de meia, futebol de botão. Um pneu velho virou balanço. Uma sapata, nome que os rio-grandenses dão para a amarelinha, foi pintada no chão.

Paula Letícia Marcolina Camaratta, da 5ª série, estuda à tarde, mas chegou às oito da manhã na escola: é dia de ir com os colegas para a Ilha do Pavão, no delta do Jacuí, para trabalhar na horta comunitária, mais uma par-

ceria do colégio com o Grêmio Náutico União. Os alunos podem participar desse projeto e de outros — balé, teatro, grupo folclórico, remo (que a Confederação Brasileira de Remo quer reproduzir e levar para vários estados do país).

A contrapartida é desenvolver algum trabalho social, como visitas a creches e asilos. Paula ensina pessoas da comunidade a plantar floreiras ou árvores na porta de casa. Já Lucas, 11 anos, foi eleito pelos colegas Vereador por Um Dia. Foi à Câmara Municipal e seu projeto da Rua Livre emplacou: nos finais de semana, uma rua do bairro é fechada para os carros e se torna um espaço de atividades e recreação.

Como a Érico Veríssimo é urbana, não tem transporte escolar. Não é raro ver um pai na bicicleta trazendo um ou dois filhos pequenos. David, 13 anos, mora longe, mas vem a pé. Sai de casa às sete e quinze e chega meia hora depois, quando bate o sinal. As aulas vão até nove e meia, quando os alunos podem ir ao refeitório. Lá os espera a comida gostosa feita pela merendeira Neida Silva, uma ex-aluna que terminou o Ensino Médio, prestou concurso e passou. “São dois fogões e às vezes não tem



espaço”, ri. Ninguém recebe prato feito: no bufê, cada um se serve na quantidade que deseja, quantas vezes quiser, das seis opções diárias: carne, feijão, arroz, massa, vegetais da horta, fruta e suco. Mais uma iniciativa da gestão que deu certo e acabou com o desperdício.

As mães da comunidade ajudam na escola — e também são ajudadas por ela. No

final de 2006, na Semana do Meio Ambiente, a mãe de uma aluna falou para a platéia de 500 pessoas no Grêmio União, entre elas o governador e o prefeito. Seu depoimento emocionou a todos: “Estava com depressão e fui convidada a participar do projeto da horta. Foi um pequeno gesto que resgatou minha autoestima. E salvou minha vida”.

“*Temos essa característica
de buscar sempre um
trabalho harmonioso.*”

Harmonia

Pernambuco > Limoeiro > Escola Professora Jandira de Andrade Lima





Escola Professora Jandira de Andrade Lima

Estado Pernambuco
Município Limoeiro

Gestor Ana Xavier
Corpo docente 80 professores
Corpo administrativo 25 funcionários
Voluntários permanentes 5 cidadãos
Voluntários eventuais 30 cidadãos

Corpo discente 2.306 estudantes

Destaques Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar em 2003
Prêmio Melhor Gestão Escolar do Estado do Pernambuco em 2003





harmonia pode estar na música ou na qualidade que valoriza o contraste nas artes plásticas. Não é a ausência de conflitos, mas a habilidade em conciliar diferenças, de combinar sem tirar a individualidade.

Em um antigo centro de educação rural do agreste pernambucano, a harmonia inclui todos esses significados e mais a coerência com seus objetivos, a capacidade de se reequilibrar e de ultrapassar fronteiras até no sentido literal. Em Limoeiro, 72 km a oeste da capital, a Escola Professora Jandira de Andrade Lima trabalha esse valor com competência generosa, alegria e criatividade.

O valor da harmonia O maestro Pedro Mateus de Lucena não rege em pé diante de uma orquestra. Do banco, estende os braços como se tocasse nas teclas de um piano. Diante dele estão sentados alunos com caixas musicais entre as mãos. Cada caixa emite uma nota que a criança produz quando as pontas dos dedos do maestro alcançam seu joelho.

O resultado é música para quem pode e para quem não pode ouvir. Os alunos que formam o “piano musical” de Pedro estudam na Professora Jandira e são portadores de deficiência auditiva.

O professor dá aulas de percussão também para os alunos com deficiência mental e outros distúrbios neurológicos. Todos se unem aos demais estudantes na pulsação dos ritmos do frevo, do maracatu, da ciranda. A escola de Limoeiro inclui com facilidade alunos especiais em todas as turmas regulares. Essa integração é uma das suas faces harmônicas: muitos alunos que começaram na modalidade especial hoje cursam a 3ª série do Ensino Médio.

As caixas de música? Vieram da Alemanha, mas essa é outra história.

Centro de Educação Rural A escola se chama Professora Jandira de Andrade Lima, mas é conhecida na região como CERU, porque foi criada como Centro de Educação Rural, quase fora do limite urbano



de Limoeiro. Lá, uma professora muito jovem, chamada Ana Xavier, começou a ensinar, em março de 1980. Hoje, Ana é a gestora da escola, já no segundo mandato. Ela pode dizer que ajudou a formar a equipe que dirige a instituição de mais de 2 mil alunos: a vice-diretora atual, Josineide Carvalho, foi sua aluna, como diversos outros professores.

De equilíbrio entre contraste e harmonia o colégio entende: os alunos do antigo centro rural, em vez de práticas de manejo agrícola, têm um centro de informática de referência, auditório, laboratório de ciências, central de tecnologia equipada com todos os recursos, e aulas de alemão.

Uma parceria entre estado e município permite à instituição funcionar também em dois distritos próximos, Mendes e Urucuba. Ali há dois anexos em que 395 estudantes da comunidade rural podem cursar o Ensino Médio sem sair da região.

O mesmo não se pode dizer de quem estuda na sede em Limoeiro. Esses alunos se arriscam a conhecer outras terras, bem distantes, e gostam disso. Tudo começou com um projeto feito com as professoras e as crianças da 2ª série. A iniciativa colocou a Escola Professora Jandira no mapa. Aliás, em vários.

Arte postal Os pequenos começaram a desenhar a imagem que faziam do município. Os desenhos foram transformados em cartões-postais e enviados para diversas escolas da região. O sucesso do projeto “Limoeiro sob o olhar de uma criança” estimulou Ana Xavier a escrever para uma amiga da Alemanha, Maria Gruber, perguntando se ela conhecia algum professor interessado em fazer uma troca de cartões-postais. Conhecia: seu marido, Joseph, era professor de 2ª série e ficou entusiasmado com a idéia. Assim nasceu o Projeto Correio Brasil-Alemanha, que depois se transformou no Convênio Brasil-Alemanha, com a escola Grundschule Westerholt, da cidade de Norden.

“Começou um ir-e-vir de cartões, de cartas, de *e-mails*, de vídeos, até que eles vieram nos visitar, em 2001.” De presente para os colegas de Limoeiro, os pequenos de Norden se cotizaram e enviaram recursos que foram aplicados numa cedoteca. “Na mesma semana, fomos roubados: levaram tudo ainda



nas caixas”, conta Ana, que imediatamente se movimentou e conseguiu repor a cedoteca. Ainda assim, escreveu para a escola irmã, contando o ocorrido.

Sensibilizados, alunos e professores de Westerholt fizeram um grande projeto, chamado “Crianças correm para crianças por um Brasil Limoeiro melhor” e angariaram novos recursos transformados na Sala de Leitura Recanto de Westerholt e em passagens aéreas para a Alemanha. No Natal, outra surpresa boa chegou de Norden: a escola irmã enviou as caixinhas sonoras que seriam utilizadas pelas crianças do maestro Pedro.

A sala e as caixas começaram a ser utilizadas de imediato. Um convite para o secretário estadual da Educação conhecer o projeto de intercâmbio justificou a necessidade de um professor de alemão para as crianças “a língua era um grande desafio”. Mais de um ano depois, o projeto havia crescido: seis crianças escolhidas entre as que adquiriram melhor domínio do alemão, dois professores e a gestora da escola embarcaram, em julho de 2004, para a viagem de 11 dias para a Alemanha.

“Cada criança ficou em uma casa, com sua família adotiva. E lá só se falava alemão. Nós conseguimos dar uma mala com enxoval completo para cada um: eles foram para a viagem parecendo meninos ricos, graças a tudo que os professores e a comunidade de Limoeiro se mobilizaram para arrumar.”

Logo depois da volta, outra notícia boa: a escola havia vencido o Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar.

O intercâmbio Brasil-Alemanha flui nos dois sentidos: professores e diretores de Westerholt também são acolhidos pela escola de Limoeiro. “O jeito que essa história começou me emociona toda vez que eu conto”, Ana confessa.

O projeto desencadeou outros intercâmbios e convites. Os alunos da 6ª série se correspondem com colegas de escolas portuguesas de Portimão e de Coimbra. As crianças da 4ª série, entusiasmadas com as aulas de inglês, mantêm em dia o contato por carta e *e-mail* com estudantes da cidade de Hull, no Reino Unido.

“Os alunos têm uma visão nova do mundo, entram na internet, querem saber onde fica aquela cidade, como são as pessoas que vivem ali. Eles vêem

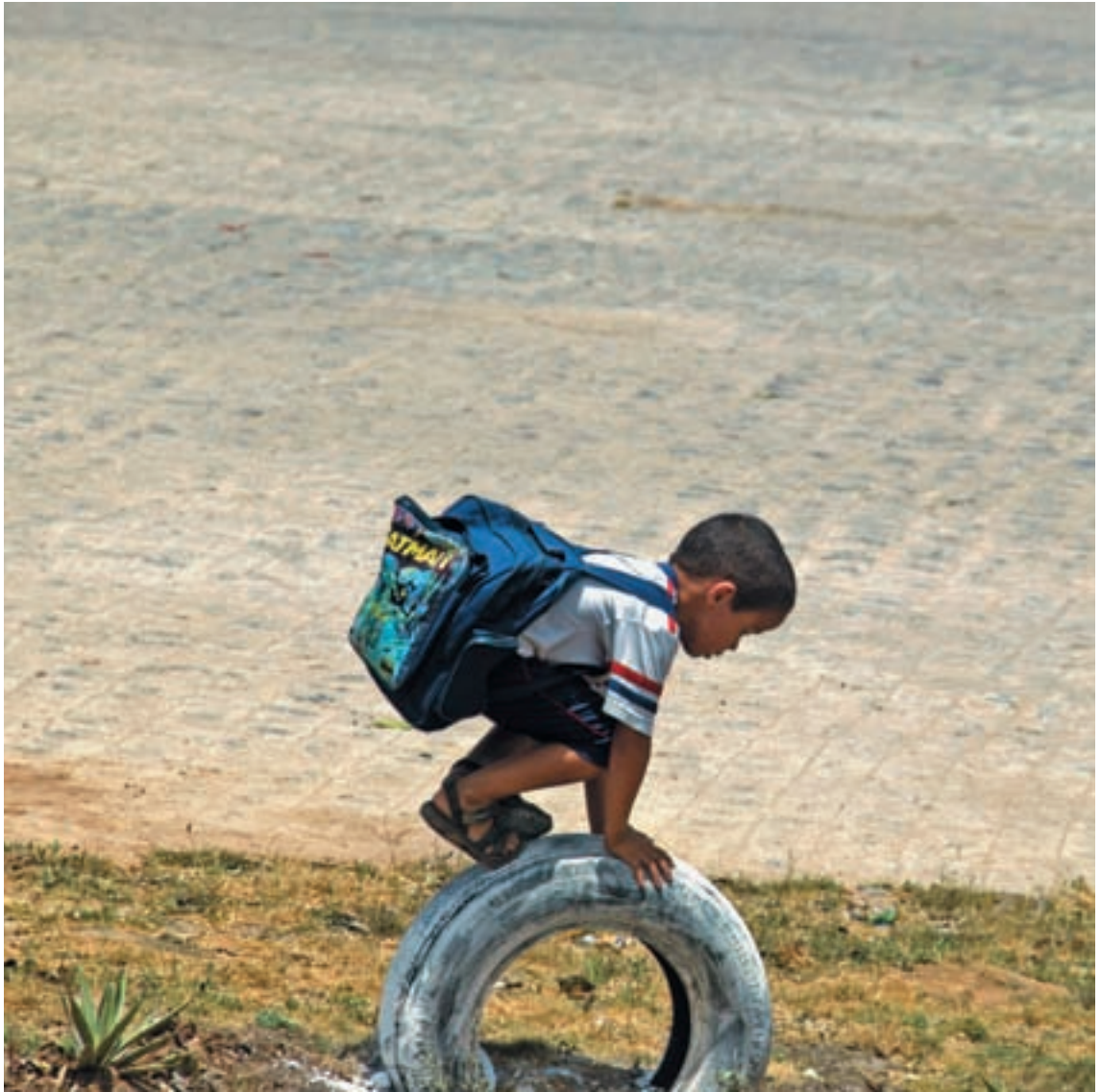


que o mundo não é só esta cidadezinha de interior ou esta escola, mas é o todo, é o conhecimento.”

Mesmo no interior, a Professora Jandira é mais bem equipada que muitos colégios dos grandes centros urbanos. Com índice de aprovação superior a 90%, a escola passou a média do estado no Sistema de Avaliação de Educação Básica (Saeb) e ficou em segundo lugar no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). “Não é muito, porque a gente sabe que o país e o estado não estão em uma classificação confortável, mas a melhora em nossas avaliações tem sido crescente”, diz Ana. E completa:

“Temos essa característica de buscar sempre um trabalho harmonioso entre alunos, professores, equipe gestora, comunidade, para que o nosso aluno seja, no momento presente, um cidadão responsável e feliz, acima de tudo.”











Adjair Ramos de Souza mora na Procurador Domingos Gomes Caldeira, a rua detrás da escola. Só por isso dá tempo de chegar do estágio no centro da cidade, almoçar e entrar às treze horas quando começam as aulas da tarde. Ele é aluno monitor do laboratório de informática. Está no CERU desde os 7 anos e agora termina o Ensino Médio. Adjair estudava alemão, mas a verba foi cortada em 2006. A gestora Ana Xavier já combinou com uma freira alemã, voluntária, para que as aulas sejam retomadas. Afinal, este é o sexto ano de ensino do idioma para os alunos.

Fellycia Patrícia Pedroso, Messias Guedes, Viviane Correia e Fabiano Nascimento, da 8.ª série, passam pela praça diante da escola e cruzam o pórtico azul da entrada. Eles fizeram parte do grupo que foi à Alemanha.

Na entrada do colégio, encontram os patrulheiros da natureza: são alunos que cuidam do jardim florido e do pomar, com bananeiras, pés de pitanga, de acerola e lógico muitos limoeiros.

Enquanto isso, os pequenos mal podem

esperar pelo recreio. No Parque Vovô Tiemann, tinindo de novo, a tirolesa, o colorido trem de material tubular, as mesas-tabuleiro e os tobogãs deram fim à choradeira e às brigas por falta de um espaço próprio para traquinagens e brincadeiras. Na visita a Westerholt, em 2004, Ana Xavier recebeu um convite para tomar chá com o senhor Bernhard Tiemann, aposentado. Seu passatempo é tocar um realejo antigo e arrecadar fundos para várias instituições. Propôs fazer o mesmo para a escola de Limoeiro. Ana aceitou e realizou o sonho de ter um parque infantil para seus alunos. Na sala de leitura, um recanto “conta” a história do vovô Tiemann “para as crianças saberem, reconhecerem e valorizarem essa pessoa de tão longe que fez tanto por eles”.

No laboratório de informática, Adjair atende José Aglailson: ele quer gravar num CD o símbolo da Escola Professora Jandira. Vai fazer um cartaz. Como gosta de ajudar em tudo, ganhou dos colegas o apelido de vice-diretor. Recebe atenção como se fosse: todos valorizam os avisos carinhosos que esse colega



grava em CD para serem transmitidos pelo sistema de música ambiente das salas.

Aulas de artes plásticas, capoeira, trabalho na horta e arte culinária também são projetos que incluem alunos especiais como José. Quem assiste a uma dessas aulas percebe a receita da escola para integrar seus estudantes. “Em geral, as pessoas não confiam muito

em dar certas tarefas a crianças portadoras de alguma deficiência. Aqui eles aprendem a fazer diversos pratos, hoje foi bolo de limão”, conta a professora Maria José Araújo. Felizes em descobrir que sabem cozinhar, eles também alegam colegas e professores na farrada de comer o bolo e repartir a lição aprendida na escola de Limoeiro.

“
*Nosso lema é esse,
persistir sempre.
Nosso talento é a
resistência.*

Resistência

Bahia > Periperi > Colégio Estadual Maria Anita

ESTA ESCOLA BUSCA... FORMAR...
BOM E PRÓSPERO E DE UMA SOCIEDADE SEM VIOLÊNCIA, SEM FOME, SEM...





Colégio Estadual Maria Anita

Estado Bahia
Município Salvador
Comunidade Periperi

Gestor Heronita Silva Passos
Corpo docente 50 professores
Corpo administrativo 18 funcionários
Voluntários permanentes 2 cidadãos
Voluntários eventuais 40 cidadãos

Corpo discente 1.520 estudantes

Destaques Qualidade em Preservação Patrimonial em 2006
Escola Solidária em 2005
Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar em 2004
Diploma de Liderança em Gestão Escolar em 2004



R

esistência é, segundo o Dicionário *Houaiss*, o movimento defensivo do capoeirista que se abaixa e protege a cabeça com uma das mãos, enquanto a outra se apóia no chão. Também é a qualidade de quem demonstra firmeza, uma força que anula os efeitos de uma ação destruidora. Periperi não resistiu.

Pouco restou do agradável subúrbio litorâneo que fica 35 km ao norte de Salvador, descrito em romances de meados do século passado como local de veraneio. O distrito mais populoso da capital baiana — são cerca de 260 mil habitantes — e um dos mais violentos cresceu, poluiu as praias e engoliu morros e matas.

No entanto, cravado no alto de uma das muitas ladeiras dos 48 bairros de baixa renda da região, em Colinas de Periperi, o Colégio Estadual Professora Maria Anita resiste. Com mais de 1.500 alunos, a escola encontrou a fórmula para eliminar a criminalidade dentro e fora de seus muros, evitar a evasão escolar, diminuir a repetência e a falta de motivação. Heronita Silva Passos, gestora desde 1998, contou um dos segredos de seu sucesso: aulas de capoeira.

A notícia chegou longe: a educadora foi convidada em 2003, pelo Banco Mundial, a participar do Terceiro Seminário Internacional de Intercâmbios de Experiências de Educação para a Paz, em Bogotá, Colômbia.

O valor da resistência “No Maria Anita não temos problemas: temos desafios.” A frase poderia definir a gestão dessa educadora e de sua equipe. No caso, os desafios eram alunos repetentes, desinteresse geral pelos estudos, paredes pichadas, brigas nos corredores, confrontos de grupos rivais — e até marginais correndo pelo telhado da escola. Pelo menos 300 ex-alunos da escola haviam sido presos e outros 20 foram assassinados.



Quando Heronita descobriu que Valmir, um dos vigilantes do noturno, era mestre de capoeira, soube que havia encontrado o professor certo para ajudar a levantar a auto-estima dos estudantes, falar de paz e mostrar a eles o quanto eram capazes de realizar. “Em conjunto, trouxemos alunos que vêm para a aula sem café, sem almoço. Um que não tem pais, outro que faz capoeira porque o pai ou a mãe forçam”, diz mestre Valmir. Para ele, resistência é a capacidade do Maria Anita de usar o que pode a favor dessas crianças e adolescentes.

O colégio também desenvolveu outras atividades esportivas e pedagógicas: todas serviram ao seu projeto de inclusão e de estímulo à convivência pacífica.

O movimento seguinte foi abrir o colégio para a comunidade nos finais de semana. Festas de aniversário, missas, encontros evangélicos, reuniões de condomínio dos vários conjuntos habitacionais, jogos na quadra: esses eventos acontecem no espaço da escola. “Todos passaram a gostar de cuidar dela, de participar”, diz Heronita. De 2003 em diante não houve mais registro de ex-aluno ou aluno envolvido em crimes.

As antigas paredes cinzentas deixaram de ser pichadas e puderam ser pintadas de amarelo. Num tom parecido com o do cordão que o aprendiz recebe das mãos de mestre Valmir quando passa para o terceiro ano na capoeira.

Mudando pela educação O Maria Anita também passou para a terceira fase. Competiu com 1.542 escolas de todo o país e conseguiu uma parceria com o Instituto Ayrton Senna, em 2001. Ganhou computadores e um projeto de informática que não abriu mão de realizar, mesmo sem professores preparados. Um amigo da escola deu de presente a instalação da rede e da internet. Os alunos que já sabiam um pouco dessa tecnologia ensinavam os outros e aprendiam mais.

A gestora e sua equipe de vice-diretoras, Jandira, Débora e Eronildes, acreditam que só se muda pela educação. “Também sei, com muita certeza,



que as pessoas que moram mais afastadas e estudam nas escolas dessas regiões não são bem-vistas. Mas esses alunos têm um potencial enorme. Só precisamos dar oportunidades — e eles revolucionam o mundo.”

Sem as duas primeiras séries do Ensino Fundamental 1, que são responsabilidade da prefeitura, Heronita segura com mão firme a 3ª e a 4ª. “Para atender a comunidade que é muito carente, para os alunos pequenos, que não podem pagar transporte”, explica. Eles participam da Semana da Cultura, do coral, da dramatização. Criaram um grupo de teatro, em que eles mesmos confeccionam as roupas, recitam poesias, lêem Monteiro Lobato.

Grandes ou pequenos, centenas de alunos do Ensino Fundamental, Médio, Educação para Jovens e Adultos e das classes de aceleração contam que a escola mudou a sua maneira de encarar a vida. E se ainda não revolucionaram o mundo, já convenceram os pais a voltar para a escola — Maria Anita, claro — e a terminar os estudos. Famílias inteiras estão matriculadas no alto da colina do Periperi.

Se não é possível ir à biblioteca... A biblioteca vai até os alunos. Sem espaço para uma sala de leitura, a escola fez uma parceria com a Fundação Abrinq para receber livros e orientação. No começo, era uma caixa cheia de livros que os professores levavam para a sala de aula. Hoje, o acervo da Biblioteca Viva tem mais de 500 volumes e circula sobre rodinhas colocadas em um armário imenso — até as portas que se abrem totalmente viraram estantes. O engenho foi tema de reportagem de televisão no Dia do Livro.

Outra solução típica do Maria Anita é o “chicletódromo”. Uma chapa de lata, na parte externa da escola, para os alunos prenderem a goma de mascar e que é limpa por um funcionário com uma espátula. São mais de mil chicletes por dia que deixam de grudar no piso e nas carteiras.



Muito por fazer Final de 2003. Um grande jornal de São Paulo fez uma reportagem sobre o projeto pedagógico que abriu a escola do Periperi para a comunidade e diminuiu a violência no bairro. No ano seguinte, o Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar. Em outubro de 2006, a confirmação oficial de que os dias de depredação e paredes cinzentas pichadas haviam passado: o colégio ganhou o Selo de Qualidade em Preservação Patrimonial, da Secretaria de Educação da Bahia.

Os desafios continuam. Para orientar os professores só existe uma coordenadora pedagógica, no noturno. Não há secretária escolar nem funcionários suficientes. Mesmo assim, o Maria Anita reduziu a evasão escolar a 2% no diurno e tem uma procura por vagas três vezes maior que sua capacidade. Depois de provar que é possível criar uma cultura de paz na escola, Heronita afirma que ainda há muito por fazer quando se trata de dar educação de qualidade. “Educar exige compromisso, persistência e acreditar que se pode fazer a diferença. Nosso lema é esse, persistir sempre. Nosso talento é a resistência.”











portão abre às sete e meia. Qualquer dos 500 alunos da manhã que chegar em cima da hora ou atrasado já ouve: “Que hora é essa, você é um exemplo, não pode fazer isso”. É a professora Jandira Domingas de Lima, há nove anos na escola. Conhecida como “mãezona”, Jandira está atenta a qualquer problema dos estudantes do Colégio Estadual Maria Anita. “Muitos desistiram de abandonar a escola porque ela se preocupou, foi lá e conversou”, contam Emerson Jesus dos Santos e Leonardo Lima da Hora, na escola desde 1999. Emerson é um dos campeões dos torneios de futsal da escola. E foi uma das crianças que Heronita, Jandira e sua equipe resgataram.

Taís Suely da Silva Rosa já sabe que passou para a 4ª série com notas excelentes. Seus dois irmãos maiores, Cláudio e Paulo César, também estudam no Maria Anita. Hoje os assuntos mais falados no refeitório e no recreio são a nova sala de vídeo e a Semana da Cultura, evento que acontece em novembro e envolve toda a comunidade. A turma de Emerson foi sorteada com o tema dos anos 1970

e vai montar uma exibição com desfile, *data-show*, músicas da época, moda, literatura, figuras de destaque, fatos importantes. Uma comissão julgadora avaliará os itens, mas haverá medalhas para todos os concorrentes. No Maria Anita ninguém perde.

Nem sossega: o projeto de dança na escola agrega todos os ritmos e começa engatado no final da Semana da Cultura. Vem gente de fora para ver. O projeto é de Edgar, o funcionário que também pinta os murais da escola.

Todos ainda comentam a Mostra de Talentos que a escola promoveu recentemente para motivar os estudantes da noite: 70% deles trabalham e a evasão escolar é grande. O projeto é da professora Iraci Maria Cerqueira de Souza. Cada um traz e vende sua especialidade: pães de metro e pudins “sem defeito”, vestidos de noiva, cestas, balaio, jacás, covos, peneiras e apás de todos os tipos e tamanhos, serviços de eletricista, pedreiro, almofadas, colchas, sapatos, alpercatas, pantufas, alcatifas: a escola se transforma num grande bazar.

Mário, o pai de Ático Emanuel Matos, é



um dos alunos do noturno. Ático estuda de manhã. Ensinou informática aos colegas desde os 14 anos e agora, aos 17, vai terminar o Ensino Médio. Nem bem saiu e já sente saudade. “Fiz uma viagem para João Pessoa e participei do fórum ‘A escola que queremos’, com

professores de outros colégios, consultores em educação e tecnologia”, recorda. “O modelo de escola ideal que descrevi foi o Maria Anita. Aqui recebi apoio para dar meu próximo passo: prestar vestibular de Ciência da Computação na Universidade Federal da Bahia.”

“
*Viver e ter amor pelo que
se faz são a forma mais
aguda de perseverar.*

Perseverança

Rio de Janeiro > Rio de Janeiro > Escola Municipal Ordem e Progresso





Escola Municipal Ordem e Progresso

Estado Rio de Janeiro
Município Rio de Janeiro

Gestor Ana Maria Pinto dos Santos
Corpo docente 17 professores
Corpo administrativo 10 funcionários
Voluntários eventuais 6 cidadãs

Corpo discente 332 estudantes

Destaques Menção da Secretaria Municipal de Educação como
Escola de Excelência



O

alarido se espalha, feliz, florido na sombra de quaresmeiras, manacás, ingás, ipês, jacarandás, amendoeiras e *flamboyants*. Dois ou três pares de figueiras exibem-se, imponentes, portes avantajados pelas raízes externas que parecem centenas de cipós descendo de seus galhos. A revoada de crianças sob as árvores não pode ser vista do lado de fora dos muros do terreno de 3.500 metros quadrados, só ouvida. É hora do recreio na Ordem e Progresso, uma das 1.055 escolas municipais do Rio de Janeiro.

Enraizada em Higienópolis, ela atende alunos desse tradicional bairro de classe média da Zona Norte e também dos vizinhos Bonsucesso, Olaria, Inhaúma, sem falar de comunidades como as que formam o Complexo do Alemão.

A excelência da escola não reside em se manter preservada, embora construída há 44 anos para durar apenas cinco. Nem em ensinar crianças que persistem quilômetros a pé pelos morros desde Manguinhos, Jacaré, atravessam o Faria-Timbó, ou tomam dois ônibus desde a Comunidade Nelson Mandela. A perseverança da Ordem e Progresso consiste em firmar e levar adiante o valor da escola pública como referência em educação de qualidade.

O valor da perseverança A meninada gosta de ficar na escola. Tanto, que não há evasão escolar. “Se faço uma festa nos dois horários, o turno da manhã quer ficar o dia inteiro e o turno da tarde pede para vir de manhã. Para mim, isso é uma satisfação enorme”, diz a atual gestora, Ana Maria Pinto dos Santos, que sabe o nome de cada um dos seus 332 alunos e ainda se recorda dos que já estão em colégios disputados do Rio de Janeiro, como o Pedro II, cursam a universidade federal, ou estão formados e trabalham em outras cidades.

Com índice de aproveitamento de quase 100%, a Ordem e Progresso tem listas de espera para o Fundamental e precisou aumentar as turmas nos



cursos de Educação Infantil. Ana prestigia sua equipe, mas diz que o sucesso se deve aos alunos. “Eles são os grandes protagonistas dessa história, nós somos os coadjuvantes, um papel que tentamos fazer cada vez melhor.”

Felipe Campos de Andrade, 10 anos, está terminando o equivalente à 4ª série e integra, orgulhoso, o contingente de alunos que colocou a Ordem e Progresso entre as primeiras no Sistema de Avaliação de Educação Básica (Saeb). Desde que começou a cursar a Educação Infantil, aos 5 anos, o menino destacou-se por chamar as professoras pelo nome. “Ninguém é tia. Eu sou a Ana, a professora dele é a Sheila e até os pais são Kleber e Paula para ele”, conta a gestora. Dono de muito charme, o menino foi crescendo, começou a cortejar as meninas e elas fazem questão de empurrar a sua cadeira de rodas: Felipe nasceu com mielomeningocele. Aluno das classes regulares, participa das festas e vai a todos os eventos, inclusive às solenidades cívicas no Hospital Central do Exército, em Benfica, um parceiro da Ordem.

“Os alunos têm de estar o tempo inteiro onde a escola estiver”, afirma Ana. O hospital também faz atendimento médico, odontológico e oftalmológico gratuito para eles.

O inesquecível 5 de dezembro Ana Maria

Pinto dos Santos tinha 6 anos no dia 5 de dezembro de 1963, quando assistiu à inauguração da Escola Municipal Ordem e Progresso. Segurava a mão do avô, Antônio, um dos cinco moradores de Higienópolis que haviam cedido o terreno ao governo do estado da Guanabara para a instalação da escola. Era isso ou o risco imediato de a área, sitiada apenas por árvores centenárias, ceder espaço a favelas que eram empurradas do sul para a Zona Norte, pela especulação imobiliária.

Ana e os irmãos se sentiam afortunados: iam estudar ali, a dois passos de casa. Tinha sido uma emoção extra assistir aos caminhões enormes descarregando os módulos pré-fabricados e, no mesmo dia, ver as paredes em pé. Nada de tijolos e cimento para a Ordem e Progresso: as placas de



argamassa não eram feitas para durar, é verdade, mas a escola começaria a funcionar já no ano letivo seguinte para os alunos de 1ª a 4ª série.

Dez anos depois, o estado da Guanabara deixou de existir. Nos dez anos seguintes, o bairro de 15 mil habitantes, quase um subúrbio da Leopoldina, viu-se enclavado no meio do Complexo do Alemão, vinte vezes mais populoso.

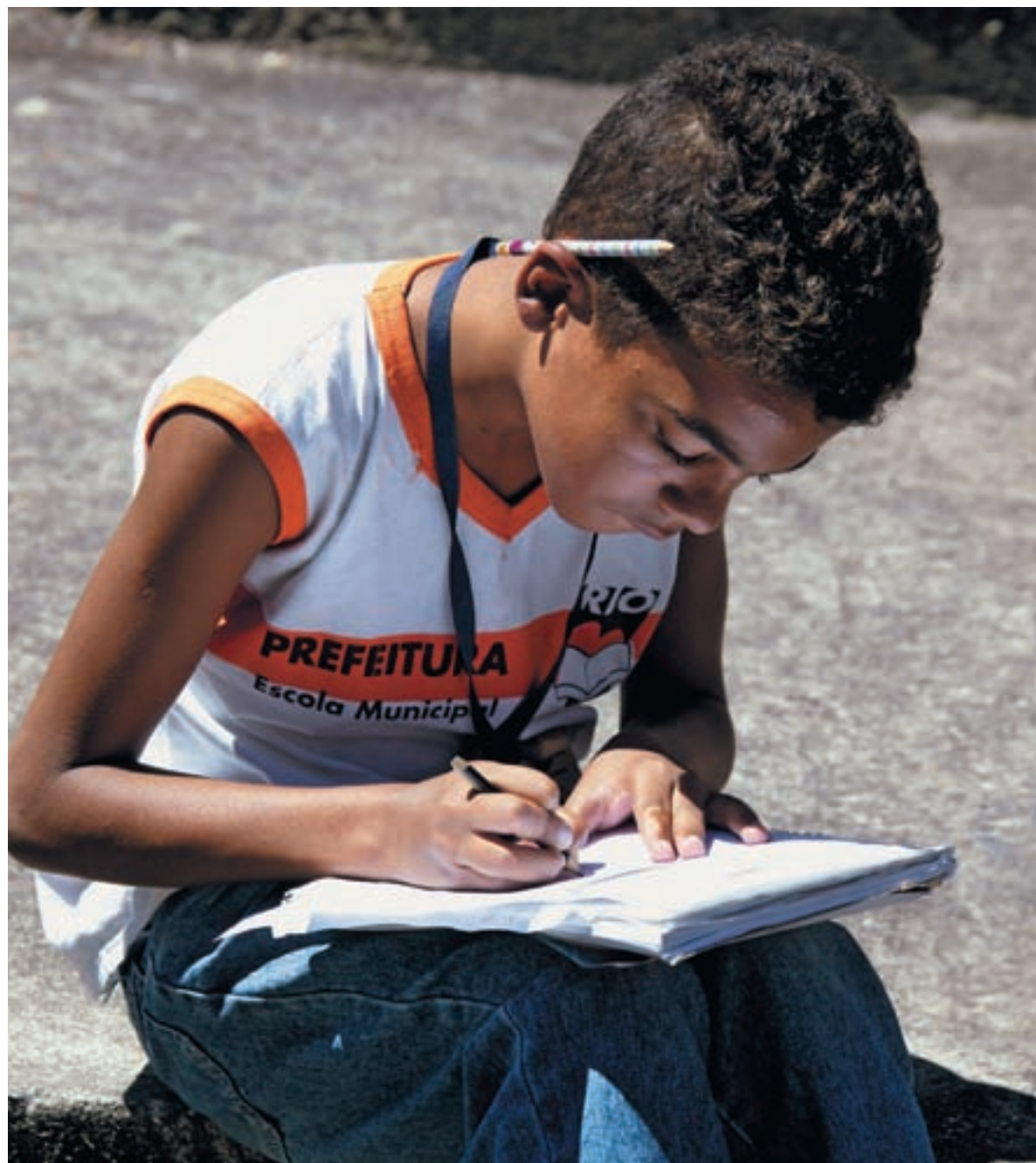
A árvore no meio As paredes de argamassa pré-moldada permaneciam de pé, em 1994, quando a nova gestora da escola, uma ex-aluna chamada Ana Maria Pinto dos Santos, conseguiu que o município do Rio de Janeiro construísse muros e um portão em torno do antigo terreno doado por seu avô e mais cinco moradores.

Outra década se passaria até Ana obter autorização para matricular crianças na Educação Infantil, algo que complementaria seu trabalho na alfabetização. “Fizemos chá beneficente, várias ações para ter recursos para complementar a estrutura necessária.” Parquinho e casa de bonecas somaram-se à quadra de esportes, famosa pela “árvore no meio”, tema até de fórum de ex-alunos numa comunidade da internet: “Nosso templo de futebol tinha uma árvore bem no meio, mas ela nunca atrapalhou nossa infância”. Ao contrário: “jogava” também, marcando como zagueiro.

Cercada de amigos por todos os lados

Todos, velhos e novos alunos, concordam: a escola é bonita e bem conservada. A gestora faz questão de reformar e pintar a Ordem e Progresso para que o aluno tenha prazer em estar ali. “A escola tem de ser, antes de tudo, prazerosa.”

Ana e sua equipe fazem questão da disciplina. “Mas não essa disciplina de ficar parado em fila, trata-se de ensinar a usar este espaço.” Dá certo: quem chega hoje na Ordem e Progresso não percebe que ela era algo provisório e tem mais de 40 anos. As comunidades do entorno se orgulham da escola e ajudam a proteger esse patrimônio que não tem paredes nem muro pichados.



Televisão e vídeo em todas as salas de aula, computadores, DVD, copiadora, impressoras, máquina fotográfica digital fazem parte do acervo dessa instituição que persevera, intocada, numa das cidades mais violentas do mundo.

Mas nem tudo são árvores floridas numa gestão escolar. “Escola é movimento o tempo todo: alegre, completa, aborrece, cansa também, isso tudo faz parte da vida. Da minha, das pessoas que trazem os filhos para mim, das crianças que estão aqui, dos profissionais. Esse é nosso valor conjunto, porque viver e ter amor pelo que se faz são a forma mais aguda de perseverar.”









D

ryelle Monique de Oliveira, 7 anos, e Kassielle Costa, de 6, estão sendo alfabetizadas nas turmas do primeiro ciclo de formação. Pouco depois das onze e meia elas saem de suas casas, na Comunidade Nelson Mandela e, juntas, encaram a pé o percurso diário de atravessar a movimentada Leopoldo Bulhões, transpor um rio, cruzar a favela de Manguinhos, seguir pela avenida dos Democráticos, entrar no bairro de Higienópolis e subir até a parte alta, a tempo de entrar na Ordem e Progresso para o início das aulas, às quinze para a uma da tarde.

A caminhada dá sede. Mas ninguém ouse perguntar se elas preferem uma escola mais perto de suas casas: a resposta é um olhar mais frio que a água do bebedouro colocado no corredor de entrada. Uma pesquisa mostrou que 61% dos alunos não vivem no bairro. A professora de Kassielle leva a turma para sentar sob a sombra das árvores: vai contar uma história.

João Pedro, de 8 anos, cursa o equivalente à 2ª série. Ao contrário de Helen Bandeira, do ano seguinte, ele mora perto, quase vizinho de Raphael Loureiro, de 7 anos. Os três vão participar com os colegas da apresentação de uma música que fala sobre o ambiente, 'Herdeiros do futuro', fazendo um painel vivo.

Todos os que estudam na Ordem desenvolvem bem a consciência ambiental, seguramente por conta do que a natureza preservada do lugar lhes oferece. Na estação certa, quem quiser pode colher no pé goiabas, jaboticabas e pitangas, na hora do recreio. Uma amendoeira, plantada por antigos alunos, ainda floresce.

Leonardo mora em Bonsucesso. Está no Infantil, no turno da manhã. Entra às sete e quinze e não gosta muito de brinquedos "de menina". Mas até ele ficou curioso com a casa de bonecas de alvenaria, que reproduz em tamanho menor tudo o que uma casa de verdade tem, do microondas à tábua de passar roupa.

Torneios, jogos, futsal, brinquedos, biblioteca, o acervo grande e variado da videoteca são opções disponíveis para os alunos, além do terreno grande e bem cuidado. Raphael Luís Drummond também está com 5 anos e vai ser colega de Leonardo: hoje está conhecendo a escola. Como tantas crianças que chegam ali pela primeira vez, parece maravilhado: seu antigo colégio não possuía muito espaço. A gestora, duas professoras e a mãe do menino esperam seu comentário sobre a quadra, o parquinho, os brinquedos, a casa de bonecas. Mas ele parece encantado apenas com as imensas figueiras: "Mãe, eu adorei esta escola, ela tem vários cipós".



“ *O conhecimento que se adquire desperta a consciência da identidade.* ”

Identidade

Tocantins > Aldeia Fontoura > Escola Indígena Kumana, Karajá

Tocantins > Aldeia Cachoeira > Escola Indígena Crokroc, Krahô

Tocantins > Aldeia Forno Velho > Escola Forno Velho, Krahô

Tocantins > Aldeia Serrinha > Escola Indígena Waipainere, Xerente





Gerência de Educação Indígena

*Secretária da Educação e
Cultura do Estado do Tocantins*

Maria Auxiliadora Seabra Rezende

Superintendente de Educação

Jucylene Maria de Castro Santos Borba Dias

*Coordenadora de Educação
Escolar Indígena*

Aldeli Alves Mendes Guerra

*Técnica da Coordenadoria de
Educação Escolar Indígena*

Sílvia Maria Santos Ribeiro Souza

*Técnico da Coordenadoria de
Educação Escolar Indígena*

Waxiy Maluá Karajá



N

o centro do território brasileiro, sete povos indígenas vivem em aldeias distribuídas por 11 municípios do Tocantins. Nas 38 escolas Xerente, como a Waipainere, na Aldeia Serrinha, 46 professores ensinam 822 alunos. Nas comunidades Krahô, raiadas na mata em formato de sol, em breve alunos cruzarão os grandes pátios para cursarem o Ensino Médio em escolas como a Forno Velho e a Crokroc. As 29 aldeias Karajá margeiam o Araguaia, o mesmo rio que conflui com o Javaés para formar a Ilha do Bananal, onde está a Escola Kumana.

Essas três etnias são representativas no estado criado pela Constituição de 1988, a mesma que abriu espaço para a identidade indígena de tantos matizes encontrar seu curso por meio de uma nova proposta em educação.

O valor da identidade *Iny* é a palavra Karajá para identidade e significa “eu sou meu povo, eu sou eu”. Esta tradução literal hoje é mais acurada graças à metodologia de ensino que possibilita aos vários povos indígenas no Brasil o registro escrito da sua cultura tradicionalmente oral, no idioma materno, e o domínio da língua portuguesa. Preservar e divulgar a herança cultural nas próprias comunidades é um dos resultados diretos desse formato de ensino. “Muita gente recupera o contato com a língua e a tradição graças a ele”, diz Waxiy Maluá Karajá, filho do *hàri* de sua aldeia, o pajé.

Waxiy terminou o curso superior e é técnico da Coordenadoria de Educação Indígena, onde contribui com seu conhecimento dos vários povos que vivem no Tocantins: Apinajé, Javaé, Karajá, Karajá-Xambioá, Krahô, Xerente e Krahô-Kanela.

Primeiro o idioma materno, depois o Português

Cachoeira, Kumana, Crokroc, Forno Velho, Waipainere são algumas das muitas escolas que atendem comunidades indígenas do Tocantins. Reformadas ou novas, as salas de aulas são amplas e algumas têm cantinas, ala administrativa e um espaço reservado às danças e festas.

Funcionam com a estrutura tradicional de modalidade de ensino do restante do país. A diferença está na forma como as aulas são ministradas e em algumas matérias no currículo, como arte e língua indígena. “Como a escola é bilíngüe, cada povo aprende primeiro no idioma materno, uma forma de fortalecimento da língua e da cultura, e depois em português”, diz Sílvia Maria Santos Ribeiro Souza, técnica da Coordenadoria de Educação Escolar Indígena.

Na 1ª série, o aluno é alfabetizado na sua língua indígena. A partir da 2ª começa o trabalho com a língua portuguesa.

Licenciatura intercultural O professor indígena faz o curso de formação em magistério indígena que o estado proporciona para habilitá-lo, com conhecimentos de antropologia, metodologia e da sua própria língua. Alguns já possuem o terceiro grau de licenciatura intercultural. A Secretaria da Educação só contrata esse professor quando sua aceitação é confirmada em um documento com a assinatura de todas as lideranças: ele é alguém de confiança da comunidade.

O critério da aldeia é interessante: o escolhido é o mais estudioso, tem mais conhecimento, participa bastante. Escolhem aquele que se compromete

mais. Em 2007, 49 professores do Tocantins e 11, de Goiás, formarão a primeira turma do curso de licenciatura intercultural, parceria entre as universidades federais de Goiás e do Tocantins, as secretarias estaduais de educação desses estados e a Fundação Nacional do Índio.

Desafio gratificante A seleção também é rigorosa para o professor não-indígena. Ele precisa ter formação acadêmica e ser daquela região: é fundamental já ter convivido com comunidades como a que vai ensinar. Quem nunca esteve numa área indígena pode ter dificuldade de adaptação. Além da vida na aldeia ser bem diferente da de uma cidade, há comunidades muito distantes e o professor precisa morar lá. Também na escolha do professor não-indígena, a última palavra é do cacique: ele ouve a comunidade e depois decide.

Para manter sua cultura, as comunidades precisaram ver de outra forma a educação nas aldeias. Esta, por sua vez, também mudou. Há nove anos, a Coordenação gerencia o projeto pedagógico do estado, hoje referência nacional, que inclui a formação de professores indígenas e não-indígenas e a produção de material didático próprio.

Todas as questões na área da educação indígena são debatidas no Conselho de Educação Escolar Indígena, em funcionamento desde 2005, que se

tornou um valioso elemento na coordenação do ensino. Participam representantes de todas as etnias e de instituições que elas selecionaram.

“Educar já é um desafio, que se torna maior quando se trata de cuidar da educação de povos de diferentes culturas”, diz a secretária de Educação do Tocantins, Maria Auxiliadora Seabra Rezende. “É muito gratificante ver a comunidade se construir para ocupar o seu próprio espaço”, completa.

Ninguém falta Não existe indisciplina numa escola indígena. A evasão, quando acontece, é por questões culturais variadas, como migrações, rituais ou o costume de casar cedo. Ninguém falta ou faz bagunça na aula. Quando o professor ou o aluno falam, a atenção é total. Também não há indiferença nessas escolas: elas são um espaço de discussão e toda a comunidade participa. Mal se começa um evento e todo mundo vem para dar sua opinião. Conscientes de que a escola ajuda a resgatar sua identidade, tornaram-se mais exigentes em relação à educação.

“Aprender é tudo o que interessa: o conhecimento que se adquire desperta a consciência da identidade. E da própria voz. Antes, antropólogos, historiadores, sociólogos não-indígenas falavam por nós. Por melhor que seja a visão deles, não é a nossa. É importante nós mesmos debatermos nossas questões”, explica Waxiy.

Karajá **Escola Indígena Kumana**

Estado Tocantins

Localização Municípios de Formoso do Araguaia e Lagoa da Confusão

Comunidade Aldeia Fontoura

Corpo docente 9 professores

Corpo discente 265 estudantes

Modalidade Ensino Fundamental e Ensino Médio



Hibederi Hureari Karajá, 10 anos, estuda na 3ª série da Escola Kumana, na Aldeia Fontoura, na Ilha do Bananal. Extrovertido, chega adiantado na escola. As aulas começam à uma da tarde, mas ele gosta de uns minutos de prosa alegre com o auxiliar de secretaria, Taxirma.

Hoje é dia de estudar matemática com o professor Vilmar Kuka Karajá. A merendeira Lurdes Seweria Bala-niru Karajão, toda vaidosa com suas roupas coloridas, brincos e colares, serve o lanche preferido de Hibederi: melancia e laranja. O menino em breve vai participar da festa do *Hetohoky*, em que a criança passa para a fase adulta. Daí em diante, poderá assistir à esperada festa do Aruanã. “Tudo o que uma pessoa faz pesca, caça, roça, ela pede antes ao Aruanã que a proteja, é uma maneira de celebrar a vida, a alegria e a fartura”, conta.

Os alunos sabem que conhecimentos como esse, adquiridos pela tradição oral, são importantes. Tanto que salvou a vida de um deles em uma aula de história da Escola Kumana. O professor José Hani Karajá pediu que os alunos da 5ª série contassem algumas histórias que tivessem acontecido com eles. O pequeno Jyeré disse que estava pescando em uma lagoa, distraído. Quando percebeu, havia uma enorme sucuri. A cobra deu o bote e se enrolou em seu corpo. O menino, apavorado, se debatia e gritava por socorro, mas a lagoa era muito grande e ninguém ouvia. Aflito, ele se lembrou de um ensinamento que ouvira de seu avô: quem enfiasse o dedo no olho da sucuri podia se salvar. Foi o que ele fez: a cobra o soltou e afundou nas águas.







Krahô

Escola Indígena Crokroc Aldeia Cachoeira

<i>Estado</i>	Tocantins
<i>Localização</i>	Noroeste do estado do Tocantins, entre os municípios de Itacajá e Goiatins
<i>Comunidade</i>	Aldeia Cachoeira
<i>Corpo docente</i>	8 professores
<i>Corpo discente</i>	234 estudantes
<i>Modalidade</i>	Ensino Fundamental



Dia de *amikim* do *mehim* (festa do índio) na Aldeia Cachoeira. A professora Joana D'arc Gomes Cardoso Vanderley, os alunos da Escola Crokroc e a comunidade Krahô comemoravam com danças, cânticos, apresentações culturais, *paperuto*, mandioca recheada com carne ou peixe, e o apreciado beiju. Um aluno chamou Joana para dançar. Do nada, um enxame de marimbondos voou na direção dos dois, que correram para dentro da sala de aula e levaram um baita tombo. “A festa parou e todos vieram ajudar. Vendo que nada de grave tinha acontecido, sorriram, achando tudo engraçado. Voltamos para o pátio e a festa prosseguiu. Logo foram chegando os *mehis* com a tora em dois grupos que correm, representando os *katam'jê'*, o inverno, e *wakme'jê*, o verão.”







Krahô

Escola Forno Velho Aldeia Forno Velho

Estado Tocantins

Localização Noroeste do estado do Tocantins,
entre os municípios de Itacajá e Goiatins

Comunidade Aldeia Forno Velho

Corpo docente 2 professores

Corpo discente 23 estudantes

Modalidade Ensino Fundamental



Na Aldeia Forno Velho é dia de leitura. Com as pernas pintadas de urucum e jenipapo, na porta de casa a menina Noemi Krahô lê, aplicada: o professor quer uma identificação das palavras em português com *ch*, *sc*, *g*, *j* e *z*. As crianças Krahô aprendem na aula de arte os desenhos tradicionais de sua cultura: primeiro treinam riscando no chão e depois fazem na cerâmica ou na palha.







Xerente **Escola Indígena Waipainere**

Estado Tocantins
Localização Tocantínia
Comunidade Aldeia Serrinha

Corpo docente 1 professor
Corpo discente 16 estudantes
Modalidade Ensino Fundamental

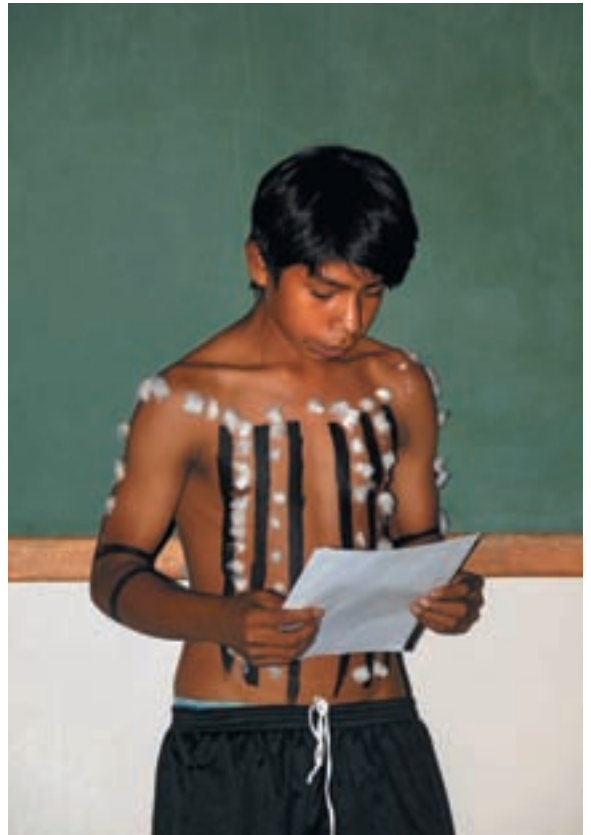


São nove e meia na Escola Waipainere, na Aldeia Serriinha. Railma Kéti Brito de Souza Xerente, de 9 anos, terminou de comer o lanche de arroz com carne e corre para o recreio brincar de pega-pega. Dez minutos depois já está procurando com os olhos a professora Noemi: dali a pouco elas vão cantar juntas na língua xerente. Saber falar, escrever e cantar na própria língua é muito bom.

A aula de ciências foi de campo, sobre ambiente. Os alunos pediram para tomar banho no rio. A professora *ktâwanõ* (não-indígena) e os alunos caíram na água para se refrescar, antes de retornarem para a escola. Tudo corria bem, até que os alunos saíram do rio gritando na língua xerente. Aflitos, queriam alertar a *ktâwanõ* sobre o risco que ela corria, mas a professora não entendia o que eles falavam. Nem eles se lembravam da palavra em português. Ela olhava para os lados e só enxergava um galho grosso que descia o rio na sua direção. Foi quando um aluno berrou: “cobra!”. A professora saiu às pressas da água e tudo acabou bem, com muita risada.

De volta à escola, a professora *ktâwanõ* decidiu que o tema da próxima aula seria répteis.







A viagem

Relato do percurso da equipe da Fundação Santillana

O fotógrafo

Nota biográfica de Carlos Díez Polanco

A viagem

Quarta-feira, 20 de setembro de 2006. É o primeiro dia da viagem da equipe da Fundação Santillana. De São Paulo, o fotógrafo Carlos Díez Polanco, a cronista Teresa Larrucea e o Gerente de Informação e Pesquisa da Editora Moderna, Olival Nóboa Leme, desembarcam no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Vão direto para o hotel descarregar o equipamento fotográfico de Carlos — só a câmera pesa 7 kg.

Foram recebidos com festa, literalmente: do hotel, o gestor do colégio Érico Veríssimo os levou a um piquete, tradição gaúcha, no Parque da Harmonia. No dia seguinte, visitaram a comunidade de Alvorada, o entorno do colégio, assistiram aulas regulares, almoçaram feijão com arroz carreteiro no refeitório.

O cronograma era apertado: chegar sempre pela manhã, para aproveitar a luz, e pegar a entrada das crianças, fotografá-las brincando no recreio, na saída com os pais.

Domingo não tem aula, dia perdido. Na segunda, 25, os três já estavam diante da Escola Ordem e Pro-

gresso, no Rio de Janeiro, quando o portão foi aberto para o início das aulas. E também para a maratona de fotos com a criançada em festa, mais um lugar feliz. Terça, mais fotos e a recompensa imediata: uma professora fez para eles um bolo de milho, tão bom que, no avião para Recife, eles se perguntavam se haviam deixado sobrar um pedaço para as professoras.

Na madrugada seguinte, depois de hora e meia na estrada até o início da zona rural de Limoeiro, foram recebidos com um café-da-manhã, por Ana, a diretora da Escola Professora Jandira. Teresa, Olival e Carlos não gravaram nem bateram fotos: foram entrevistados pela rádio local.

Próxima parada: Salvador, no subúrbio ferroviário em Periperi, onde fica a Escola Professora Maria Anita. Era grande a curiosidade de conhecer todas as pessoas das escolas, contatadas antes por telefone e *e-mail*, viver um pouco do ambiente gostoso sobre o qual haviam lido e ouvido. Gostoso como a tapioca preparada pela diretora Heronita.

Quatro dias depois, a chegada de avião monomo-



tor à aldeia Krahô, no Tocantins. A imagem da aldeia vista de cima ficou impressa na memória de todos e na foto de Carlos. Depois de um vôo de hora e meia no aviãozinho pinga-pinga, os três e Sílvia, da Gerência Indígena, viajaram oito horas na voadeira de 15 HP, subindo o Araguaia, para conhecer a escola Karajá. Entre os Xerente, a 150 km de Palmas, foram recebidos pelo cacique muito jovem, sem camisa, com as penas enfeitando o corpo pintado. De uma aldeia a outra, se o trajeto era por terra, a caminhonete lotava. Na cabine, o motorista, Teresa, Carlos e Aldeli, da Gerência Indígena. Na caçamba, Olival e dezenas de moradores que esperam a carona para economizar um dia de viagem ou mais, a pé.

No porto de Manaus, balsas e gaiolas, as imensas barcas do Amazonas, pareciam irrealis no amanhecer do 32º dia de viagem. Teresa, Carlos e Olival seguiram pelo rio, passaram pelo encontro das águas e navegaram até Careiro. Dali, foram de carro para a última escola, no Purupuru. Trajeto difícil, no meio da mata, chão batido, não viram viva alma: as pessoas

da comunidade se deslocam de barco, pelos igapós e igarapés até o grande lago. Ao chegar, a primeira impressão: inacreditável uma escola com tanta gente no fim daquela estrada. O calor era intenso. Como no Tocantins, as roupas ficavam ensopadas. Carlos tomava muito cuidado para não pingar suor na máquina — os 7 kg pareciam agora 30, enquanto ele se movimentava para fazer as fotos.

Quinta-feira, 27 de outubro, a viagem termina, no aeroporto de São Paulo. Olival fica. Carlos e Teresa embarcam para Madri, onde vivem. Em 38 dias, a equipe viajou 13.500 km, por seis estados, em jato de carreira, avião bimotor, monomotor de seis lugares, barcos de todos os tipos e tamanhos, automóveis, utilitários. A quilometragem dá três vezes a distância em linha reta do arroio Chuí, o extremo Sul do Brasil, ao monte Caburaí, na porção mais setentrional do país. E ainda sobriariam uns quilômetros.

O valor? O da descoberta. Foram em busca de experiências felizes e encontraram escolas de valor. Boas descobertas.



O fotógrafo

Carlos Díez Polanco nasceu em Madri, em 1954. Abandonou a carreira de economista aos 26 anos, para se dedicar à fotografia. Versátil, trabalha com temas diversificados. Desde 1990, ao lado de sua companheira, Teresa Aguilar Larucea, registra a vida e o povo de 20 países ibero-americanos, formando um acervo sobre a América Central e a do Sul que ultrapassou a marca das 140 mil fotos. Nelas estão refletidos a realidade, a beleza, a cultura, o cotidiano, os costumes e a diversidade do continente.

Com vários ensaios fotográficos publicados, Carlos já expôs sua obra em mais de 30 cidades de 15 países, como Estados Unidos, Egito, Equador, Jordânia, Colômbia, Venezuela, e em salas e instituições, como o Instituto Cervantes de Chicago.

Sua fotografia percorreu o mundo e se fixou nas pessoas, em civilizações extraordinárias, no que elas fazem, para contar sua história através da beleza de seus gestos. Das três décadas como fotógrafo profissional, “duas vivi na América, de cima a baixo, de lado a lado, e profundamente”, disse, pouco antes de embarcar para o Orenoco, na Venezuela, rumo aos rios Sipapo e Autana, a primeira fase de sua nova empreitada, depois de concluir o projeto

Escolas de Valor.

Exposições

O trabalho americano de Carlos está plasmado em cinco exposições itinerantes que já viajaram por três continentes: América apilada, América sacra, América cotidiana, América siempre, Kunas.

Individuais

- 1995 Casa de América, Madri (Espanha)
- 1996 Centro Cultural SISA, Otavalo (Equador)
Centro Cultural Benjamín Carrión, Quito (Equador)
Centro Cultural de España, Lima (Peru)
Instituto Profesional Arcos, Santiago de Chile (Chile)
Instituto Cooperación Iberoamericana, Montevideo (Urugua)
Torre de D. Borja, Santillana del Mar (Espanha)
Fundación Santillana, Bogotá (Colômbia)
- 1997 Fundación Patiño, Cochabamba (Bolívia)
ICI, Santa Cruz de la Sierra (Bolívia)
Espacio Simón Patiño, La Paz (Bolívia)
Feria Internacional, San Salvador (El Salvador)
- 1998 Centro Cultural de España, San José (Costa Rica)
Instituto Cervantes, Tanger (Marrocos)
Casbah des Oudayas, Rabat (Marrocos)
Instituto Cervantes, Tetuan (Marrocos)
Casa de Rómulo Gallegos, Caracas (Venezuela)
Instituto Cervantes, Túnis (Tunisia)
- 1999 Instituto Cervantes, Cairo (Egito)
Museo Nacional de Arte, La Paz (Bolívia)
Fundación Santillana para Iberoamérica, Bogotá (Colômbia)
Universidad Católica, Quito (Equador)
Museo de las Conceptas, Cuenca (Equador)
- 2000 Instituto Cervantes, Alexandria (Egito)
Instituto Cervantes, Amã (Jordânia)
Sociedad Española de Beneficencia, Guayaquil (Equador)
- 2002 Galería Safia, Barcelona (Espanha)
Fundación Santillana para Iberoamérica, Bogotá (Colômbia)
Centro Cultural Los Cristianos, Arona, Tenerife (Espanha)
- 2003 Club Allard, Madri (Espanha)
Galería Fourquet, Madri (Espanha)
- 2004 Presentación Carolina Herrera, Madri (Espanha)
Queen Sofia Spanish Institute, Nova York (Estados Unidos)
Centro Cultural Español, Miami (Estados Unidos)
Centro Cultural Universidad Católica, Quito (Equador)
- 2005 Latin Cultural Center, Dallas (Estados Unidos)
Instituto Cervantes, Chicago (Estados Unidos)
Fundación Corp Group, Caracas (Venezuela)
Casa de América, Madri (Espanha)
- 2006 Centro Cultural Español, Cidade do México
- 2007 Museo Regional, Guadalajara (México)

Coletivas

- 2003 *Iberoamérica Mestiza*, Torre de D. Borja, Santillana del Mar (Espanha)
- 2003 *Ibero-American Colonial Architecture*, Instituto de México, Washington (Estados Unidos)
- 2007 Inusual, Galería Hilo Conector, Madrid (Espanha)



Cafayate, Argentina
Convento Izamal, México



Créditos da edição

Pesquisa de escolas
Olival Nôboa Leme

Pesquisa e criação de texto
Jurema Aprile

Preparação de texto
Geraldo Fantin

Revisão de texto
Fernanda Bottallo

Projeto gráfico e edição de imagens
Homem de Melo & Troia Design

Pré-seleção de imagens
Pedro Abude

Tratamento de imagens
Américo Jesus
Fabio Novaes Prescendo

Impressão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

EDITORA MODERNA

Rua Padre Adelino, 758 – Belenzinho
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904
Vendas e atendimento: (11) 6090-1500
www.moderna.com.br

2007

Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Escolas de valor: um retrato de seis
experiências bem-sucedidas na educação pública
brasileira / fotos de Carlos Díez Polanco;
[apresentação Jesús de Polanco]. – São Paulo:
Moderna, 2007.

ISBN 978-85-16-05470-0

1. Escolas públicas – Brasil – Estudo de casos
2. Fotografias I. Díez Polanco, Carlos.
II. Polanco, Jesús de.

07-2112

CDD-371.0107220981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Escolas públicas: Experiências bem-sucedidas:
Estudos de casos: Educação 371.0107220981

Escolas de Valor relata alguns casos de escolas públicas que transformaram os alunos, os professores e a comunidade, vencendo obstáculos que, no mais das vezes, parecem intransponíveis: evasão escolar, instalações precárias, violência, criminalidade.

Todas são referências em demonstrar que a escola de valor se faz com solidariedade, auto-estima, resistência, harmonia, perseverança e identidade. Juntas, compõem um novo retrato do Brasil, o Brasil que sempre projetamos para o futuro. E deixam uma lição singela: o futuro está no presente. Resta-nos aprender com elas e seguir o seu exemplo.

